

## Notícia: As Montanhas de Kirchberg e o 24º Simpósio Internacional Ludwig Wittgenstein

Luiz Eduardo de Lacerda Abreu<sup>1</sup>  
Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

### News: Kirchberg Mountains and the 24th. International Ludwig Wittgenstein Symposium

Entre os dias 12 e 18 de agosto de 2001, em Kirchberg am Wechsel na Austria, aconteceu o 24º *Symposium International Wittgenstein*. E o tema deste ano passado foi *Wittgenstein and the Future of Philosophy — a Reassessment after 50 Years*. Kirchberg é uma pequena cidade rural perto de Viena. Durante os anos vinte, entre 1920 e 1926, Wittgenstein trabalhou como professor primário na região, primeiro em Tratenbach, depois em Otterthal. Na década de 70, Adolf Hübner, um veterinário que, aliás, não tinha formação filosófica, recuperou Wittgenstein como uma figura que pudesse incrementar o turismo na região. O resultado mais prosaico é o passeio, perto de Kirchberg, pontuado pelos aforismos do *Tractatus*.

Não é difícil chegar lá depois da primeira vez.

Na Südbahnhof, em Viena, de hora em hora, há trens para Gloggnitz. Peguei o das 11 horas de domingo, dia onze. No meu vagão, como eu, as roupas e o jeito de turista denunciavam outro participante do simpósio. E em Gloggnitz, um carro, parecido com uma Kombi, contratado pela organização do Simpósio, nos levou até Kirchberg. Éramos oito naquele trem. E o motorista (aliás, o filho do dono) queria levar apenas sete. No fim, ele cedeu, mas avisou “vou mais devagar”. Mas também é possível pegar um ônibus que pára em frente a estação de trem de Gloggnitz.

Se você tiver sorte, pode pegar um taxi (mas, neste caso, você paga) cujo motorista conheça algumas das histórias de Wittgenstein. Aparentemente, os moradores dali não têm as melhores lembranças dele como professor. Ray Monk (1990), que não estava no Simpósio e que é, ao lado de Brian McGuinness, que estava e apresentou um *paper*, um dos mais importantes biógrafos de Wittgenstein, descreve várias atitudes de Wittgenstein que contribuíram para angariar a antipatia dos moradores da região. Uma delas foi a punição física que ele, repetidas vezes, dirigiu às suas alunas nas aulas de matemática. Os moradores não objetavam que as crianças sofressem castigos físicos, mas, para eles, nenhuma pessoa razoável poderia esperar que meninas aprendessem matemática.

O caminho para Kirchberg serpenteava pelas montanhas. Kirchberg não é diferente. O Simpósio acontece todo ano na escola secundária, e o pequeno ginásio, no segundo andar, é transformado na sala principal, onde falam os conferencistas convidados. Atrás da mesa e dos conferencistas, depois

da parede de vidro, está, imponente, a montanha onde fica St. Corona. A paisagem parece um cartão postal, e, algumas vezes, me peguei distraído, absorvido pela paisagem, enquanto Warren Goldfarb falava das interpretações do *Tractatus*; Stanley Cavell, da obra dele, Cavell; e Jaakko Hintikka, da dislexia de Wittgenstein e como isso era compatível com algumas das propostas do primeiro para interpretação do segundo. No café, alguém disse, muito sério, que a pequena construção inacabada à direita nos jardins da escola era a reprodução da biblioteca de Wittgenstein e que paisagem era na verdade uma pintura que demorou vinte anos para ser feita por oitocentos trabalhadores — acho que pelo menos uma pessoa acreditou na história da biblioteca.

Neste ano, os mais importantes especialistas estavam lá, diferente — me disseram — dos outros anos. Talvez porque, nos últimos anos, foram aceitas contribuições que, apenas tangencialmente, referiam-se à obra de Wittgenstein. Apesar de o Simpósio ter menos gente que os anos anteriores, os hotéis de Kirchberg não tinham lugar para todos. A organização espalhou as pessoas pelas cidades próximas. Mas às vezes é possível encontrar uma senhora que se disponha a alugar um quarto. Frau Apfl, para onde consegui me mudar depois de terem me colocado em St. Corona na pensão de Frau Schramel, todo ano recebe um grupo fiel de seguidores. Já são todos velhos conhecidos. Ela gostou de mim e me convidou para ficar lá no próximo ano (portanto, não tenham idéias...).

St. Corona, com sua estação de esqui, não é longe. Mas você não consegue voltar para o seu quarto durante o dia, nem descansar um pouco depois do almoço. O problema é subir a montanha. Sua situação pode ficar muito ruim se você perder o transporte de ida e volta do simpósio (que vem de manhã e só volta à noite). Para voltar ou você chama o taxi da cidade ou pega o ônibus (que eu nunca entendi como funciona) ou, simplesmente, vai à pé. Há um caminho pelo bosque que sobe a montanha. Mas eu não recomendo. É uma caminhada dura, muito dura.

Wittgenstein é um filósofo difícil. Em parte por causa do seu projeto filosófico, em parte pela maneira como ele escreve, em parte porque os seus assuntos são mesmo difíceis. Ele nos leva a questionar nossas convicções mais arraigadas, nossas pretensões de objetividade e a vontade, o desejo de ter algo a dizer. De uma certa perspectiva, o seu esforço filosófico procura traçar rigorosamente os limites daquilo que podemos dizer: trata-se, em outras palavras, de demarcar os limites da linguagem. Sobre o resto nos resta o silêncio.

1 Endereço: E-mail: luiabreu@umb.br

A dificuldade do seu projeto decorre também da atitude crítica que Wittgenstein adota. Grosso modo, é possível explicar esta dificuldade da seguinte maneira. Qualquer crítica deve ser baseada num critério. Isto é óbvio. O problema é que, para evitar o dogmatismo, este critério deve ser testado. Mas para testá-lo é preciso um segundo critério que também deverá ser justificado se não quisermos cair no dogmatismo que tentamos evitar antes. O teste do segundo critério, por sua vez, um terceiro. E assim sucessivamente. Em outras palavras, a tentativa de evitar o dogmatismo nos leva a um regresso infinito: sempre precisamos de um outro critério para justificar o último.

Segundo Newton Garver (que também apresentou um *paper* no simpósio), a alternativa é encontrar um critério que consiga satisfazer o seu próprio teste, ou seja, um critério auto-referenciado. Embora esta estratégia não possa fornecer uma justificação no sentido forte, ela é capaz de oferecer uma “certificação”. Esta foi a solução de Kant, cujo trabalho nos fornece um exemplo de como a estratégia “funcionaria”.

O primeiro passo de uma filosofia crítica auto referenciada começaria “com a aceitação acrítica de alguns fatos não filosóficos” (Garver, 1996, p. 163). Kant teria escolhido a geometria euclidiana, a lógica aristotélica e a física newtoniana. Contudo, face aos grandes avanços da geometria, da lógica e da física nos últimos 150 anos, hoje nós não podemos, como Kant, aceitá-las acriticamente. Após 1929, depois de sua fase como professor primário, Wittgenstein retorna à filosofia e, segundo Garver, passa a procurar um critério que fosse efetivamente auto-referenciado, no sentido acima.

A base do critério crítico de Wittgenstein são “os seres humanos, as formas de vida humanas, os jogos de linguagem e as atividades que lhe estão associadas — em resumo, tudo o que ele, às vezes, chamava ‘nossa história natural’” (Garver, 1996, p. 164). Não sei se Garver está correto, mas ele faz sentido para mim e me ajudou a percorrer os aforismos de Wittgenstein.

É importante enfatizar que Wittgenstein não estava interessado em construir um conhecimento sistemático sobre a realidade, mas questionar os princípios e os conceitos que são utilizados para representá-la ou, dizendo de um modo muito geral, para falar dela. Talvez por isso, juntar as reflexões de Wittgenstein com um objeto de pesquisa de natureza não filosófica é um trabalho árduo, muitas vezes inglório. E, quanto a isso, não posso fazer mais do que dar o meu testemunho. Um projeto de pesquisa desta ordem passa pela perplexidade, pela rejeição das suas convicções, teorias e conceitos, pela paralisia e, com sorte, pela sua reconstrução em outras bases. É, de todo jeito, um percurso doloroso, cansativo e pessoal — individual e, portanto, solitário. É íngreme a caminhada. A minha esperança é que, em algum momento, deste percurso existencial, seja possível deixar Wittgenstein de lado e seguir em frente. E existem indicações, como a relação de Wittgenstein com alguns de seus alunos (o exemplo de Maurice Drury), que este fosse exatamente o seu propósito.

Por fim, e o mais importante para essa comunicação, Wittgenstein tem uma extensa contribuição para filosofia da psicologia: a segunda parte das *Investigações filosóficas* (Wittgenstein, 1995), *Remarks on the Philosophy of Psychology* (Wittgenstein, 1980) e *Last Writings on the Philosophy of Psychology* (Wittgenstein, 1982) são algumas das suas obras que abordam o tema de maneira mais explícita. O 25º Simpósio Internacional Ludwig Wittgenstein já está na Internet, e o seu tema, “Persons – An Interdisciplinary Approach”, é justamente a psicologia<sup>2</sup>. Para quem estiver interessado em subir as montanhas de Kichberg, o prazo final para apresentar um *paper* no 25º Simpósio, que acontece entre os dias 11 e 17 de agosto, é 30 de abril de 2002. Maiores informações no site <http://www.sbg.ac.at/phs/alws/wittgenstein02.htm>.

## Referências

- Garver, N. (1996). Philosophy as grammar. Em H. Sluga & D.G. Stern (Org.), *The Cambridge Companion to Wittgenstein* (pp. 139-170). London: Cambridge University Press.
- Monk, R. (1990). *Ludwig Wittgenstein: The Duty of Genius*. New York: Penguin Books.
- Wittgenstein, L. (1995). *Philosophical Investigations* (3ª ed.). (G.E.M. Anscombe, Trad.). Londres: Basil Blackwell Ltd. (Trabalho original publicado em 1953)
- Wittgenstein, L. (1980) *Remarks on the Philosophy of Psychology*. (G.E.M. Anscombe, Trad.). Oxford: Blackwell.
- Wittgenstein, L. (1982) *Last Writings on the Philosophy of Psychology*. (C.G. Luckhardt e M.A.E. Aue, Trads). Oxford: Blackwell.

Recebido em 18.12.2001

Aceito em 08.01.2002 ■

2 Suas sessões são as seguintes: 1. Wittgenstein; 2. The Metaphysics of Mind and Body; 3. Persons and the Theory of Mind; 4. The Self: Philosophy, Psychology, Neurobiology; 5. Persons as Agents; 6. Personal Identity. E com os seguintes workshops A: Human Dignity and the Concept of a Person; Workshop B: Juridical Aspects of Persons; Workshop C: Medical Aspects of Persons.